

EQUIPES

MULTIDISCIPLINARES

2014



Comunidade Remanescente de Quilombos
João Surá - Adrianópolis - Paraná
Fonte: Paraná Negro - Funpar



Comunidade Remanescente
de Quilombo Sutil
Ponta Grossa - Paraná
Fonte: Paraná Negro - Funpar



Traços Culturais do Trabalho
na cultura afro-brasileira
Fonte: Paraná Negro - Funpar



Traços Culturais do Trabalho na
cultura afro-brasileira (Mutirão)
Fonte: Paraná Negro - Funpar

**DIÁLOGO DOS TEXTOS
E CONTEXTOS DA
REALIDADE DA ESCOLA**

EQUIPE DE TRABALHO

Departamento da Diversidade

Marli Francisca Peron

Assessoria Administrativa

Roseli Cristina de Miranda

Assessoria Pedagógica

Josemary Moreno Delgado Rech

Coordenação da Educação das Relações da Diversidade Étnico-Racial

Edna Aparecida Coqueiro

Equipe

Denize T. de Carvalho

Eleuza Teles da Silva

Kenneth Dias dos Santos

Jurandir de Souza

Maria Daise Taschetto Rech

Rogério Francisco Vieira

Soraia de Fátima Henriquez Saleh

Tania Mara Pacifico

Coordenação da Educação Escolar Indígena

Dirceu José de Paula

Equipe

Anabel do Nascimento Adão

Gisele Brunetti da Silva

Tiago Stanczyk

Departamento de Formação dos Profissionais da Educação - DFPE

Cristiana Gonzaga Cândido

Coordenação de Produção Multimídia

Eguimara S. Branco

Projeto Gráfico e Diagramação

Fernanda Serrer



Comunidade
Porto Velho
Adrianópolis - Paraná
Fonte: Paraná Negro -
Funpar



Artesanato Kaingang
Ilustração:
Luiz Jagjo Gino
Livro Kanhgág Jykre
p 125



Balaio de Tipiti
Fabricação de farinha
Fonte: Paraná Negro -
Funpar



Ilustração Guarani
Livro Nhaandereko
Jaikuaave Hanguã
p 33



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE
COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES DA DIVERSIDADE
ÉTNICO-RACIAL
COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

7º ENCONTRO EQUIPES MULTIDISCIPLINARES

**ROTEIRO PARA AS DISCUSSÕES DO SÉTIMO ENCONTRO DE
FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR**

1) INTRODUÇÃO

Quando ainda não havia a escrita, havia a palavra. E havia a memória. E as histórias eram guardadas como verdadeiros presentes, relicários feitos de ar, lembranças, emoções; objetos para encantar o outro, seduzir o outro, ensinar ao outro, abrandar o outro, comprometer o outro com seu passado, sua gente e seu tempo (Sisto 2010).

Neste encontro vamos refletir sobre o conteúdo: “Saberes científicos e saberes tradicionais: limites e possibilidades”. A fundamentação teórica será embasada no texto: Tecnologia Africana na Formação Brasileira de Henrique Cunha Júnior, nele o autor explicita muitos saberes que foram ao longo dos anos desapropriados dos povos africanos e remetidos à cultura europeia.

A perspectiva é debater a partir da consideração de que todos os povos têm os seus saberes. Os africanos que foram forçados a migrar para o nosso país trouxeram junto com eles os seus saberes. Os indígenas que já habitavam essas terras muito antes da chegada dos portugueses possuíam saberes. No nosso cotidiano desfrutamos de muitos hábitos que são herança desses povos. Com o advento da universalização da instituição escolar o acesso e permanência de negras/os e indígenas vem aumentando significativamente ano após ano. E junto com essa população adentram no ambiente escolar os saberes por eles acumulados. Mesmo o currículo escolar estando pautados na cultura eurocêntrica os saberes desses povos vem ocupando espaços e sendo objeto de estudo e discussão em sala de aula.

A/O professora/or deve estar dotada/o de uma postura sensível e disposta a valorizar esses conhecimentos em sala de aula explicitando que os saberes empíricos são as bases para o conhecimento científico.



Segundo Japiassu o conhecimento é: “Todo um conjunto (...) metodicamente adquiridos, mais ou menos organizados e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino”.

2) CONTEÚDO

Saberes científicos e saberes tradicionais: limites e possibilidades.

2.1 RESSIGNIFICANDO CONTEÚDOS

É preciso desnaturalizar no imaginário e na credence popular vários conceitos que acabam por deturpar o real significado dos saberes tradicionais dos povos negros. Vamos elencar e rever alguns desses conceitos:

Quilombos: Muitos livros didáticos se referem aos quilombos como sendo lugares em que os negros fugitivos se refugiavam. Hoje sabemos que os quilombos tinham um complexo sistema de organização política, sua população não era em sua maioria de negras/os fugitivas/os e sim de negras/os que conquistavam a sua liberdade e formavam núcleos populacionais recebendo os que fugiam, comprando a alforria dos mesmos. Também conviviam indígenas que perdendo seu território encontravam abrigo e proteção nestes locais.

O Candomblé: baseia-se na tradição oral passada de geração para geração. Até pouco tempo atrás eram poucas as referências literárias sobre a religião. A nomenclatura é de origem brasileira mais precisamente baiana mas a tradição é africana. Seus rituais possuem uma preocupação ecológica, muitas vezes, realizados nos sítios da natureza tais como rios, cachoeiras, pedreiras, campos.

Umbanda: sua origem é brasileira no Rio de Janeiro criada a partir da junção do catolicismo, kardecismo e da cultura indígena.

Existem outras religiões de matriz africana que conservam os fundamentos a partir do panteão africano (deuses que representam as forças da natureza conhecidos popularmente como “Orixás ou Orisàs”).

Não podemos esquecer que muitos saberes tradicionais desses povos foram absorvidos pelo meio científico que patenteou os princípios farmacológicos de suas raízes, unguentos e beberagem.

“No Brasil mesmo, a cultura das elites portuguesas e brasileiras tem um grau elevado de dependência dos africanos e afrodescendentes. Visto que os trabalhos nas áreas da música clássica, do teatro e das artes foram realizados como trabalhos anônimos de africanos e afrodescendentes ilustrados. A própria instrução dessas elites dependeu em muito de afrodescendentes (CUNHA, p.19, 2010).”



Podemos afirmar que as primeiras noções de química no Brasil surgiram com os indígenas. A produção de diversos medicamentos extraídos da natureza, a prática de desidratação e defumação de carnes para conservá-las está embutida de saberes químicos. A utilização de pinturas corporais que além de distinguir conforme a forma dos desenhos a posição de cada um dentro de sua comunidade servia também para afugentar mosquitos, pernilongos e proteger a pele dos raios ultravioletas. Temos assim os princípios dos atuais protetores solares. Inúmeras são as contribuições dos primeiros habitantes do país em nosso cotidiano e que de tão rotineiro acabam passando despercebidos no dia a dia.

Retomar a origem desses saberes é uma importante ferramenta para a valorização da cultura africana, afro-brasileira e indígena. E a Instituição escolar é o melhor palco para difusão desses conhecimentos, demonstrando que nenhuma cultura é superior à outra, todas tem suas peculiaridades e seus saberes, pois como afirma Paulo Freire: “A humildade exprime, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.”

3) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tecnologia Africana na Formação Brasileira – de Henrique Cunha Júnior
disponível em: http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/268

4) PARA REFLETIR E REGISTRAR

1. Com base no texto de Henrique Cunha Júnior em que o autor apresenta várias descobertas em diversas áreas do conhecimento cuja origem remete ao povo africano, como desnaturalizar nas disciplinas e no currículo conhecimentos apropriados indevidamente pela cultura eurocêntrica e não creditada aos povos africanos?

2. Os saberes dos povos indígenas foram incorporados no cotidiano das famílias brasileiras e fazem parte do hábito de milhões de brasileiras/os. Porém estas contribuições não são remetidas aos povos indígenas. Estas contribuições são levadas em consideração nos livros didáticos adotados na instituição de ensino em que você atua?

PARA FAZER MAIS

Nas conversações Pedagógicas, apêndice do texto “tecnologia Africana na Formação Brasileira” que é a fundamentação pedagógica deste encontro, na página 45, o autor sugere a construção de “uma linha do tempo”. Sugerimos que a equipe se articule e desenvolva a atividade proposta, pois é uma interessante forma de mostrar aos estudantes os saberes africanos em todas as áreas do conhecimento e que não são atribuídos aos povos africanos, pois como o autor afirma: “No Brasil, no uso das letras, da cultura com uso de alfabetos não tem sido referida a existência da contribuição africana. Os africanos persistem no imaginário brasileiro como povos agrafos e de conhecimento apenas de transmissão oral”.

Esta atividade pode ser desenvolvida e apresentada no seminário que será realizado no 10º Encontro. Registre como foi o desenvolvimento da atividade, quais as descobertas, surpresas e a relevância para o Ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, este material deverá compor o memorial descritivo das atividades realizadas ao longo do ano pela Equipe.

PRÓXIMO ENCONTRO

Dimensão étnico-racial e a prática pedagógica (não presencial).

REFERÊNCIAS

CUNHA, Júnior Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/268

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

SISTO, Celso. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o homem. **Revista Tabuleiro de Letras**, UNEB, Salvador-BA, N° Especial, dez./2010.

